

PRÁTICAS DE INFORMAÇÃO NO ENSINO DE BIBLIOTECONOMIA

PRACTICES OF INFORMATION IN THE TEACHING OF LIBRARY SCIENCE

Maria Nilza Barbosa Rosa¹

INTRODUÇÃO

O estudo se orienta para a análise das práticas informacionais no interior do ensino de Biblioteconomia da *Universidade Federal da Paraíba* (UFPB), em que procuramos ler a realidade desse cotidiano formado por grupos sociais diferenciados.

O desenvolvimento da pesquisa leva-nos a perceber os fluxos de informação através das estruturas organizacionais, como também através das falas que circulam entre professores e alunos sobre o objeto de conhecimento. Partindo das abordagens contemporâneas de currículo, que o entendem como um processo de construção do conhecimento, procuramos integrá-las às tendências pedagógicas, ao estudo das práticas informacionais e à análise do discurso profissional.

Nossa atenção se volta principalmente para a questão da qualidade no conteúdo informacional do ensino, em que os alunos não sejam forçados a apenas reproduzir, mas que lhes sejam ofertadas oportunidades para processar e gerar informação. O uso da informação se relaciona à possibilidade de acessos diferenciados e a uma assimilação transformadora dos sujeitos, que só é conseguida se essa assimilação coadunar-se a processos de mudança, demandas e critérios de efetividade que podem levar ao desenvolvimento de novos sistemas de informação.

Estes pressupostos nos orientam e, no decorrer da pesquisa, procuramos apreender as representações, as trajetórias dos professores e alunos e as práticas informacionais ocorridas em sala de aula. O que segue é o relato do que procuramos analisar.

A INFORMAÇÃO E O COTIDIANO ESCOLAR

As novas relações de trabalho e o crescente desafio mundial de geração de emprego, indicam a emergência em nos reestruturarmos profissionalmente para que possamos acompanhar as transformações que estão ocorrendo no país e no mundo. Nesse sentido, é importante reconhecer que o ensino formal reage com lentidão às mudanças, o que nos leva a considerar que o constante avanço da tecnologia exige maior empenho das instituições escolares, principalmente porque o número de referências culturais à disposição do aluno é cada vez maior, daí a necessidade de reflexão e atuação constante da escola/universidade.

¹ Aluna do Curso de Mestrado em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba (CMCI/UFPB).

O que propomos nesta pesquisa é um modo de perceber como os sujeitos constroem suas práticas em sala de aula, utilizando-se da linguagem como meio de ação e até que ponto as práticas curriculares poderão facilitar ao professor criar, nos limites desse espaço, condições para o exercício da cidadania e para a formação de sujeitos livres e emancipados.

A escolha do tema e sua elaboração em forma de análise contextual, parte de uma perspectiva de relato das condições de produção, interpretação e compreensão das práticas informacionais, como práticas pedagógicas, entre professores e alunos no ensino de Biblioteconomia da UFPB. Assim, a propriedade essencial é o discurso produzido nesse cotidiano, que gera a formação da opinião profissional, e o modo como se relacionam os atores sociais que ali se encontram. Isso implica a consideração efetiva do currículo como canal de informação.

O termo informação, apesar de seu uso constante pode estar ainda obscuro, por representar uma convenção cognitiva para discutir e comparar aspectos da realidade. Como afirma Gómez (1994, p.148), *“as informações são realizações dos processos cognitivos, em suas singularidades temporais e culturais”*, e cada indivíduo faz seu próprio sentido, pois que é uma representação interior. A informação é sempre produzida pela sociedade, e sua participação é de fundamental importância no processo de geração e de utilização. O seu uso vai estar afetado pelo tipo de sociedade receptora, que a relaciona à possibilidade de acessos diferenciados de informação, privilegiando-a de acordo com o cotidiano em que vive.

As práticas informacionais, por sua vez, obedecem às regras instituídas, para a produção da competência e do papel correspondente. Competência no sentido de apreensão de determinados conteúdos a serem empregados mais tarde na vida produtiva. Por práticas informacionais Marteleto (1992, p.) entende a *“relação entre os processos educacionais e informais, e esta, por sua vez, é prática social”*.

Estudando a maneira pela qual as tendências pedagógicas são afirmadas na sala de aula, é possível compreender uma unidade do discurso justificador e legitimador das práticas de informação como práticas pedagógicas e, ao mesmo tempo, uma diversidade nas estratégias implementadas pelo professor, que toma como norteador para suas práticas, o currículo oficial. Mas a realidade nesse contexto pode indicar que o currículo real, aquele que se faz na prática e que nem sempre corresponde ao que está apresentado na programação é, por vezes, muito mais forte, presentemente vivido de maneira intensa.

Portanto, o nosso propósito é o de perceber como são elaboradas as formulações teórico-práticas sobre o conhecimento/informação por meio das práticas político-pedagógicas que geraram e definem o currículo, construído na sala de aula, considerando fatores como o contexto e a condição de sentidos e de sua produção, como também as práticas sociais onde se constroem as evidências informacionais e onde se busca uma idéia de possibilidades informacionais. Porém, como os discursos contidos nas práticas pedagógicas nem sempre são delimitáveis, temos que partir dos dados concretos dos próprios contextos discursivos.

O SABER ASSISTIDO

Libâneo (1997) enuncia que práticas pedagógicas são práticas destinadas a fornecer o desenvolvimento dos indivíduos no interior de sua cultura por meio de processos de

transmissões ativas de experiências, saberes e modos de ação culturalmente organizados. No nível da prática pedagógica, pode se estabelecer uma igualdade de poder da palavra, mas também uma disputa ou dominação. Essa relação permite visualizar efeitos de sentido que forcem o dizer institucionalizado, permitindo conceber diferentes tipos de discursos, e o critério para a distinção, conforme Orlandi (1983, p. 15), está na relação entre o referente² e os participantes do discurso, ou seja, no objeto do discurso e os interlocutores.

A nossa tentativa de um relato de leitura se dá num cenário cujos atores estão bem estabelecidos, que é o ensino de Biblioteconomia da UFPB. Na relação ensino, há um componente institucional que tem como fim básico aquilo que está previsto na legislação, que é a proposição do indivíduo para exercer a sua cidadania no campo profissional.

Ao situar nossas questões de pesquisa sobre professores e alunos, em situação de relações e interações, estamos buscando uma compreensão dos atos e construções simbólicas desses sujeitos a partir do material de estudo reunido ao longo da observação das práticas ocorridas cotidianamente nas salas de aula, das entrevistas a professores e alunos e a aplicação de questionário aos discentes concluintes e pré-concluintes, com o objetivo de caracterizar a compreensão que eles desenvolvem acerca da formação da opinião profissional em Biblioteconomia.

Embora o movimento remível do espaço informacional no campo escolar, com a análise das tendências pedagógicas sugerisse uma análise mais detalhada, procurou-se captar no cotidiano de Biblioteconomia, as peculiaridades e os paradoxos, pelos quais a formação do bibliotecário é percebida e as formas pelas quais as posturas são traduzidas e/ou silenciadas nas práticas de sala de aula. Procurou-se observar também como as informações são selecionadas, organizadas e transmitidas assim como as experiências de vida que professores e alunos trazem e que são explicitadas nas falas, nos questionamentos e nas respostas que vão acontecendo por dentro do currículo.

O currículo oficial possui uma estrutura que é estabelecida por uma contextualização e circunstanciação históricas, sustentada por influências externas, instituídas. Mas há também, o currículo real, que estabelece uma carga de valores não - oficiais, mas uma carga de valores pessoais, ligados aos arquétipos dos agentes e sujeitos que contribuem para a construção das práticas informacionais. Dentro dessas construções do currículo real é que se estabelece a fuga do currículo oficial para aquelas situações de estrutura pessoal tanto do docente, quanto do discente, que poderão fazer com que essa fuga venha comprometer a formação da opinião profissional.

DA AÇÃO COMUNICATIVA ÀS PRÁTICAS INFORMACIONAIS

O que começamos a concluir é que a ação comunicativa, como bem estabelece Habermas, acaba por estar distanciada por uma regulação que vai estar por dentro da compreensão de cada indivíduo sobre a própria proposta profissional, o que acaba por comprometer também a questão da cidadania.

² O referente é utilizado como objeto da reflexão crítica, ou seja, da busca e apreensão real, que desencadeará transformações nos agentes desta apreensão.

As abordagens contemporâneas de currículo que o entendem como um processo de construção do conhecimento, podem ser enriquecidas por uma teoria social, como é tratada por Habermas (1989). O autor propõe um modelo social no qual se considerem as potencialidades imanentes do sujeito para se comunicar e interagir, onde todos tenham as mesmas oportunidades de fala, de argumentação e de decisão sobre coisas do mundo, através do diálogo orientado para o entendimento. Portanto, a permanente busca de acordos, por meio da comunicação interativa, da argumentação competente e da inter-relação consensual dos sujeitos sociais permitirá uma nova concepção de currículo com vistas à construção de um modelo social com iguais oportunidades de acesso à informação e à cidadania.

As práticas informacionais geradas, assimiladas e/ou recusadas pelos sujeitos em um ambiente concreto, como é o caso das práticas nas salas de aulas, levam-nos a inferir que, quando o currículo real se afasta do currículo oficial, pode comprometer a formação da opinião profissional, pois o significado passa a ser o domínio da ação e da significação do conhecimento a partir de referentes muito pessoais, estabelecendo as regras discursivas. Sabemos que o valor da informação se constitui nas práticas de informação, daí a nossa preocupação em perceber a significação dessas práticas por meio da construção do currículo no cotidiano de sala de aula, buscando a validade dessa construção dentro da questão informacional.

Ao captarmos a contraditoriedade e/ou a similitude entre o currículo oficial e o currículo real em sínteses mais compreensivas, buscamos compreender o próprio real na sua concretude, inferindo que toda e qualquer prática de informação acadêmica só é real no conjunto da qual faz parte: nos significados normativos, nas tendências pedagógicas, nas regras sociais, nas experiências, nos significados pessoais e nas motivações que contribuem para a formação do currículo, assim ele passa a ser visto como um instrumento capaz de gerar espaços informacionais significativos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- GOMEZ, M. N. G. de. Além do estado e do mercado: a busca de parâmetros de institucionalização da informação. *Revista do Serviço Público*, [s. l.], v. 118, n. 3, set./dez. 1994.
- HABERMAS, J. Sobre a estrutura de perspectivas do agir orientado para o entendimento mútuo. In: *Consciência moral e agir comunicativo*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.
- LIBÂNEO, J. C. Pedagogia e modernidade. In: CHIRALDELLI Jr. P. *Infância escola e modernidade*. São Paulo: Cortez, 1997.
- MARTELETO, R. M. *Cultura, educação e campo social: discursos e práticas de informação*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1992. Tese. (Doutorado em Comunicação).
- ORLANDI, E. P. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. São Paulo: Brasiliense, 1983.